

OS CINTA LARGA

Carmen Junqueira

1963 foi um ano bastante duro para os povos indígenas do Brasil: em agosto, uma aldeia Paaka Nova (Rondônia) foi atacada por uma expedição chefiada por um seringalista, causando a morte de crianças e adultos. Um mês antes, os índios Canela (Maranhão) tiveram uma aldeia incendiada, mortos e feridos. Este foi um dos ataques, de uma longa série, levado a cabo por bandoleiros, contratados por proprietários rurais e autoridades públicas da região. Finalmente, em novembro, um grupo Cinta Larga (Mato Grosso) é violentamente dizimado. O evento, conhecido como o "massacre do paralelo 11", veio a público quando um seringueiro, membro da expedição, denuncia o crime. Revoltado porque caminhou 58 dias pela mata para finalmente não receber os cinquenta contos prometidos pela empreitada, resolve delatar os companheiros:

" Eu, Atayde Pereira dos Santos, brasileiro, residente nesta Capital, de livre e espontânea vontade, com pareci à 6a. Inspetoria do Serviço de Proteção aos Índios (...) e declarei fatos que se relacionam com a expedição levada a efeito com a finalidade de matar os índios chamados Cinta Larga, que desta expedição resultou a morte de vários índios, mortos a tiros, quando estes estavam no trabalho de fazerem suas moradias, à margem do rio Aripuanã.

- " Que ainda no regresso da viagem que empreendemos a-trás dos que conseguiram escapar, encontramos uma índia e um menino índio, que também foram mortos, a mulher foi lhe amarradas as pernas e cortada ao meio por facão e o menino atirado na cabeça.
- " A expedição teve como guia o responsável pelo serviço o indivíduo de nome Chico Luiz, e mais 4 (quatro) companheiros de nome Manoel, Ramiro e Rodrigues.
- " Durou a expedição cerca de cinquenta e tantos dias , que, durante a viagem nos foi jogados alimentos e munições, pelo avião tipo Cessna 190, de cor azul, pi-lotado por um judeu de nome Tonato ou Donato. Decla-rando ainda, que a expedição foi organizada pelo se-ringalista Antonio Junqueira, que contratou os serviços dos componentes da expedição. Que as armas usa-das foram pistola calibre 45, revólveres e metralha-doras.
- " Em cumprimento às ordens recebidas, fiquei encarrega-do de matar o Capitão, o que foi feito e o Chico Luiz metralhou outros índios, sendo acompanhado pelos de-mais.
- " Colocando-me ao dispor das autoridades para maior es-clarecimento. A Rogo Atayde Pereira dos Santos, por não saber ler e escrever. Assinatura ilegível. Cuiabá 7/dezembro/1963". (Cópia do documento, Ministério da Agricultura, Serviço de Proteção aos Índios).

Esses atos criminosos não constituíram fa-tos isolados e têm origem nas sucessivas invasões que se fazem em territórios tribais. A abertura de grandes es -

tradas de penetração torna imediatamente acessível amplas áreas ricas em produtos florestais e minerais. A exploração econômica desses recursos implica no desalojamento ou aniquilamento dos grupos indígenas. A impunidade dos culpados tende a institucionalizar o massacre como um padrão habitual de conduta em áreas pioneiras.

Vê-se assim que em qualquer parte do território brasileiro, o destino dos índios está intimamente ligado à estratégia do crescimento econômico e às diversas políticas que lhe abrem caminho. A partir da década de 60, várias mudanças importantes têm lugar na estrutura econômica da Amazônia, envolvendo a mineração empresarial, a política de incentivos fiscais e tributários e o consequente desenvolvimento do setor de transporte, comunicação e energia. Os efeitos desse processo sobre os grupos Cinta Larga foram e ainda são bastante severos.

O território Cinta Larga

A maior parte da população Cinta Larga que se tem notícia está localizada no Parque do Aripuanã, criado em 1969, que abrange as terras a leste do Estado de Rondônia e a noroeste do Estado de Mato Grosso.

O território tradicional desse grupo deve se estender das imediações da margem esquerda do Juruena, do rio Vermelho à altura das cabeceiras do rio Juina Mirim; das cabeceiras do rio Aripuanã até o salto de Dardanelos; as cabeceiras dos rios Tenente Marques e Capitão Cardoso e as cercanias dos rios Eugênia, Amarelo, Amarelinho, Guariba, Branco do Aripuanã e Roosevelt. ./.

Não se sabe quantas aldeias chegaram a ter espalhadas por essa extensa área de aproximadamente 1.500.000 de hectares e tão pouco quantas desapareceram em consequência da depopulação que por certo os atingiu nas últimas décadas. Em 1969, falava-se da existência de 20 aldeias distribuídas ao longo dos rios Aripuanã e Roosevelt.

Dados reunidos durante 1981 e que devem cobrir a maior parte das aldeias indicam a existência de 347 pessoas. Mesmo que se admita a existência de outras aldeias dispersas pela área, a população Cinta Larga não deve ultrapassar de modo significativo o total acima registrado.

A comunidade indígena de Serra Morena (1)

A casa tradicional Cinta Larga pode ser vista no trajeto aéreo que liga o Posto Indígena Roosevelt ao Posto de Atração de Serra Morena, entre os rios Roosevelt e Aripuanã. Em pequenas clareiras espalhadas na floresta, avistam-se construções amplas, de planta oval, cobertas inteiramente de palha. Uma única casa compõe a aldeia. Fotografias de 1976 mostram que as primeiras construções Cinta Larga em Serra Morena repetiam o mesmo padrão. Mas, por ocasião da pesquisa, tinham sido substituídas por pequenas casas, de pau-a-pique ou madeira, ou por versão simplificada do estilo tradicional com dimensões reduzidas.

(1) As informações que se seguem foram obtidas durante pesquisa de campo iniciada em 1979, subvencionada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e o apoio institucional da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

De modo geral, essas casas contêm apenas um cômodo de 3m por 3m, sem janela. No seu interior, as redes são armadas lado a lado e pelo chão se distribuem uma série de objetos: crâneos de caititu, facas e panelas de metal, cestas com cocos de tucumã, penas, fio de algodão, etc.. Não é raro que filhotes de cachorro, de patos e galinhas tenham por ali seu abrigo, misturando-se aos restos de instrumentos quebrados, cascas de frutas, espinhas de peixe, ossos, que apenas ocasionalmente são removidos. Uma pequena fogueira que aquece o ambiente à noite é usada igualmente para o cozimento dos alimentos.

Observando-se com cuidado esse interior, vê-se que o número e a variedade de objetos são pequenos. Não há dúvida de que o maior contato com "civilizados" vem fazendo com que sintam necessidades crescentes. Mas no seu estilo de vida próprio, mesmo tendo tudo que necessite, os pertences do Cinta Larga são poucos.

A profusão de coisas pelo chão revela outra característica: indiferença pela conservação de objetos, sempre ao alcance das crianças e animais domésticos. Mesmo artigos de metal, como facões, machados são deixados fora de casa e até nas roças, onde enferrujam e perdem a utilidade. De todo o elenco de objetos observados, apenas aos arcos e flechas é dispensada maior atenção, pois mesmo as raras espingardas pouco resistem ao uso imposto.

A perda de algum pertence não acarreta maior transtorno. O que não se tem, toma-se emprestado. Mesmo o furto é encarado com indiferença, sem qualquer reação

acentuada. Comenta-se o fato com discrição, dado que não figura como transgressão de maior importância.

Para o observador fica a impressão de um desprendimento tranquilo em relação aos bens materiais. Não que estes sejam de fácil aquisição, mas porque sua posse parece estar fundada na consciência de sua transitoriedade.

Numa mesma casa, reside pelo menos uma família nuclear. Em determinadas ocasiões, um pequeno cômodo chega a acomodar dez pessoas. As alterações no número de moradores da casa acompanham a própria flutuação da população local.

Em maio de 1979, havia mais de 60 índios em Serra Morena e em agosto do mesmo ano 99. No período de junho a agosto de 1980, a população oscilou entre 112 e 69 pessoas. Os motivos das saídas são vários: visitas a aldeias de parentes, procura de trabalho ocasional, remunerado, para ter acesso a roupas, armas. Famílias inteiras retornam a suas casas de origem, encerrando a visita a Serra Morena, ou se retiram após atrito com os anfitriões.

Serra Morena possivelmente reúne membros de aldeias localizadas em anos anteriores no rio Aripuanã (abaixo de Serra Morena), no rio Branco, afluente do Aripuanã e no rio Vermelho. Mas, por ser sede do Posto Indígena, não é exclusiva deles. Membros de outras aldeias chegam até lá à procura de artigos de metal, assistência

médica, etc.. Sua permanência é curta e pode variar de algumas semanas a meses. Mesmo os que revêem parentes não se demoram.

À primeira vista, pode parecer que os Cinta Larga são um conjunto instável, de composição fluída, dado o fluxo de pessoas que entram e saem de Serra Morena. Mas é possível identificar um núcleo de moradores mais estáveis, formado pelos Kabã (2).

Por volta de 1973, algumas famílias Kabã aproximaram-se espontaneamente do Posto da Funai recém criado e iniciaram a construção de suas casas. Do grupo inicial, alguns morreram, outros selaram novas alianças, propiciando a incorporação de outros membros. Alianças foram rompidas, outras ampliadas. Mas o grupo de irmãos Kabã (inclusive os classificatórios) forma um núcleo central dominante que sela alianças com os demais sub-grupos através da troca de mulheres. A integração à comunidade local pressupõe laços de filiação ou a existência de alianças que são firmadas durante visitas de lado a lado.

Os contornos da comunidade local não são nítidos, numa primeira aproximação, principalmente devido à presença do Posto Indígena que atrai membros de outros sub-grupos, não esperados ou não desejados, aumentando a rotatividade de visitantes e moradores provisórios. É um constante ir e vir que parece obedecer a decisões pessoais e revela a marcada preferência do Cinta Larga pelas andanças em detrimento de uma vida mais sedentária. Essa mobi

(2) o que denominamos usualmente Cinta Larga é de fato uma comunidade linguística, formada pelos sub-grupos (ou bandos) Mã, Kakí, Kabã e Ubiei.

lidade ajuda de certa forma a entender a sobriedade de posse material, que significa não acumular para evitar sobrecarga.

Além das evasões citadas, outro fator contribui para a redução da população. De julho de 1979 a outubro de 1981, 20 índios de Serra Morena morreram, vítimas de doenças (malária, hepatite, gripe, diarreia) e acidentes na floresta. O maior número foi de crianças de 0 a 6 anos, num total de 12. A mortalidade infantil é alta. Um cálculo provisório mostra que 21 mulheres da faixa de 15 a 41 anos de idade tiveram, até 1981, 38 filhos vivos, dos quais 22 faleceram.

O ritmo de vida

Boa parte do tempo em Serra Morena é gasto em conversas, banhos no rio, passeios e várias horas são reservadas para o descanso. No retorno da pesca ou da caça, ou quando o sol está muito quente, fica-se na rede dormindo durante uma ou duas horas ou simplesmente se balançando. Os períodos de atividade produtiva são entremeados por repouso, gastos em brincadeiras ou mexericos. Perambula-se de um lado para outro, observando-se a natureza, sem aparentar preocupação com a obtenção regular de comida ou o armazenamento de reserva. Quanto maior o produto da caça, da coleta ou da pesca, maior é o consumo e a redistribuição. Consome-se integralmente o alimento como se sua obtenção estivesse sempre assegurada. Nos intervalos, novos períodos de descanso.

O mesmo ritmo orienta as excursões de coleta. É verdade que caminham rapidamente pela mata, mas são muitas as paradas para descanso. Atividade e repouso se alternam. Pelo caminho, observam os detalhes da vida da mata: os alimentos disponíveis, os venenos e as plantas medicinais. Sem pressa se organizam para tirar proveito do passeio. É difícil dizer se estão trabalhando ou perambulando. Mas não se passeia a esmo na floresta. A entrada na mata tem sempre um objetivo central, geralmente ligado à coleta.

Parte-se pela manhã. Em fila indiana, sem muita conversa, observa-se a situação desse enorme arsenal de matéria prima que é a mata. Os homens à frente, em marcha mais acelerada que a das mulheres, vez por outra desaparecem por entre as árvores. Correm velozmente ao primeiro indício de caça à vista: um pio, um chiado, um movimento, são os sinais, imperceptíveis aos sentidos não treinados. Mulheres e crianças não se detêm. À medida que penetram mais fundo no mato, passam a deixar pequenos vestígios de sua passagem: uma folha dobrada, um ramo quebrado, que na imensidão de verde, folhas e ramos não se confundem com as marcas deixadas por outros. Pelo caminho, a cada instante, enfrenta-se obstáculo diverso. Ora são os igarapês a serem transpostos. Se a água é volumosa, improvisa-se uma ponte com um tronco de árvore. Mais adiante, pode-se deparar com o chão forrado de formigas. É hora de correr com todas as forças para cruzar a perigosa coluna.

E assim prossegue a caminhada, em meio a brincadeiras e pequenos sustos, até que se resolve parar. Senta-se para uma conversa animada cada um se servindo das castanhas que se espalham pelo chão. Algum tempo passa até que os homens se juntam ao grupo, trazendo notícia do que viram ou caçaram. Mais conversas e mais castanhas. A andança recomeça e até que se chegue ao local previsto são várias as paradas diante das fruteiras.

Se o objetivo é a coleta de mel, acampa-se nas proximidades da árvore a ser derrubada. Duas ou mais horas se passam até que tenham concluído o trabalho, fartado-se de mel e enchido os vasilhames que serão levados para a aldeia. Nesse espaço de tempo, as crianças não param de brincar. Um ou outro sai à procura de bambu e volta com uma pequena flauta, que passa de mão em mão. Se o som é apreciado, logo se inicia uma sessão de música. Os homens interrompem o trabalho para também participar. Quando finalmente tem início a retirada do mel, todos se aproximam para receber sua parte. O idealizador da viagem é quem distribui o que foi coletado.

O retorno se dá no mesmo ritmo. Apenas as frutas e os eventuais obstáculos é que podem variar. Recolhe-se o que foi localizado na ida: castanhas, o que sobrou das fruteiras, madeira para ponta de flecha, a caça abatida e tudo o mais que tenha utilidade no momento. Cada mulher carrega o produto que vai para sua casa. Os homens, as armas. Um passeio desse tipo pode durar 10, 12 horas ou mesmo mais. Passeios semelhantes são feitos para coletar castanha; outros mais longos visam os poções

piscosos, a reversa de taquara para flecha. Dependendo da distância, leva-se inclusive algum alimento. Mas quer a expedição se prolongue por alguns dias ou meses, as mulheres levam consigo um volume de coisas que podem dar conta de carregar sozinhas. E essa carga, geralmente, reúne quase tudo que a família tem.

Certos passeios são esticados até uma aldeia amiga, um vilarejo ou acampamento. Quem sai dificilmente diz quando volta. Fica-se alheio ao tempo. Se descem o rio de canoa, podem voltar a pé: livraram-se do esforço de atravessar as corredeiras rio acima, abandonando a embarcação. O regresso mais demorado lhes é indiferente, posto que a viagem é mais importante que a data do retorno.

Caça, pesca, coleta e consumo combinam-se durante essas expedições em arranjos e proporções variadas, de acordo com a necessidade, o desejo e a oportunidade. Não há descontinuidade significativa na passagem de uma atividade para outra. Os eventos se sucedem entrelaçados de tal forma que, por exemplo, a caça que não se deixou abater ou o fruto que não se consumiu por estar verde não condenam a expedição ao fracasso, mas se incorporam ao conjunto de acontecimentos que movimentaram a jornada. Essa característica marcante da comunidade Cinta Larga dificulta, de certa forma, a apreciação de cada atividade isoladamente, pois é dentro do contexto mais amplo da expedição que ganham significado profundo.

A tecnologia usada é simples, mas nem por isso o grupo está condenado a sobreviver sujeito a um trabalho extenuante e continuado. O esforço gasto para vencer distâncias, obstáculos da mata e do rio, é atenuado pela liberdade de usar e dividir o tempo, de acordo com a conveniência do grupo.

As tarefas agrícolas não atraem muito o Cinta Larga, embora os produtos da roça sejam importantes na sua dieta. Dependendo da época, come-se diariamente a macaxeira, diversos tipos de milho, de carã e outros tubérculos.

Num raio de até 500 metros das casas, estão as roças, beirando os limites externos da floresta. Não ultrapassam em média um hectare de área e costumam ser usadas para dois plantios, pelo menos. Como nem todas as famílias plantam todo ano, novas derrubadas de mata não são frequentes.

A faina agrícola é designada "trabalheira", uma das poucas palavras brasileiras que usam. Significa ao mesmo tempo fazer força, cansar-se, enfadar-se. Trabalho sem atrativo, que não se aproxima daquele designado pelo termo pee mankii, que realça o fazer, produzir, sem conotação de tarefa desagradável.

A derrubada é realizada exclusivamente por homens e contrasta com o plantio, no qual a divisão de trabalho não é marcado com clareza. Fazer covas e plantar tanto podem ser executadas por homens, como, em sua

ausência, por mulheres. Havendo homem presente, a mulher não pega na enxada, mas, eventualmente, planta. A colheita e a retirada de tubérculos são feitas pela mulher. Geralmente a família cuida do seu próprio pedaço de terra, as esposas definindo áreas que ficam sob a responsabilidade de cada uma.

O ritmo do trabalho na agricultura não é tão flexível como o da coleta, mas incorpora em escala menor as conversas, interrupções para assar e comer algum alimento. O plantio toma cerca de três ou quatro manhãs, nem sempre seguidas. Uma entrada na roça para pegar mel, uma pescaria mais longa podem interromper a tarefa, que é retomada dias depois. Planta-se cada espécie em espaços previamente definidos. Mas à medida que a tarefa progride, nem sempre o plano é seguido. Troncos não consumidos pelo fogo, geralmente numerosos, impõem desvios e limitação de área. Dessa forma, as plantas se misturam em diversos pontos da roça, imprimindo à colheita uma movimentação difícil por entre ramos e troncos espalhados por boa parte do terreno. Com exceção do milho, os demais produtos são colhidos na medida da necessidade doméstica. A cada dois dias, as mulheres em pequenos grupos vão à roça: voltam carregadas de macaxeiras, cará. Somente nos dias de festa é que quase todas se reúnem em trabalho cooperativo, que se estende da colheita à preparação do mingau.

Do baixar das águas até a chegada da cheia, pesca-se à beira do rio com anzol ou flecha, a toda hora.

Homens e mulheres, adultos e crianças, passam horas a fio acompanhando as brincadeiras dos que tomam banho, pegando pequenos piaus e piabas. Conseguem peixes um pouco maiores indo de canoa até o meio do rio; mas quantidades significativas, apenas em locais distantes, nos poções situados rio abaixo e rio acima. Essas pescarias são mais demoradas; são viagens que deslocam mais de uma família. Não raras vezes, acampam no local mais promissor e por vários dias se fartam de peixe. No retorno, às vezes, nada trazem, mas podem também voltar carregados de peixe, caça, fruta ou matéria prima para o artesanato. No final da estação chuvosa, homens e meninos pescam nos igarapês menores da redondeza, envenenando a água com timbô.

A canoa é uma aquisição recente. Antes dela, cruzavam rios e igarapês a nado ou improvisando pontes nos locais de corredeiras. Com a canoa aumentaram-se as possibilidades da pesca mais produtiva, a frequência dos passeios e mesmo a caça noturna.

A caça é a atividade que mais apreciam, principalmente se puder ser feita com espingarda. As poucas armas disponíveis em Serra Morena circulam intensamente durante a estação seca, desde que haja munição. Nessa época, a caça noturna é mais comum. Dois ou três homens partem de canoa em direção aos "barreiros", locais frequentados pela caça, sempre que a fase da lua propicia noites escuras. Em 1980, num período consecutivo de 60 dias, foram realizadas 33 caçadas, com duração que variava de poucas horas a um dia. O insucesso é raro, tal a quantidade de paca, anta, veado, jacaré e muitos outros animais na área.

Durante o dia, a caça é mais imprevisível. Macacos mutuns, onças são surpreendidos no decorrer das excursões de coleta ou nas pescarias. Apenas quando se localiza um bando de caititu ou de queixada é que os homens saem de dia com o objetivo de apenas caçar.

Não é fácil calcular o raio de dispersão dos caçadores. Acredito que a distância média não ultrapasse 10 ou 15 km. No reconhecimento da mata que fazem durante as excursões, localizam não apenas os alimentos que consomem mas também as espécies preferidas de alguns animais. Tão logo esses frutos amadureçam, o local passa a ser visitado pelos caçadores. Para pegar tucano, por exemplo, constroem pequenos abrigos no ponto mais alto do tronco da fruteira, onde aguardam pacientemente a chegada do pássaro. Na orla da floresta, nas capoeiras, nas roças, erguem-se as cabanas de galhos, de palmas, usadas para surpreender passarinhos. É a atividade cotidiana da primavera, apreciada pelos homens e que serve de treino aos meninos.

A produção, a distribuição e o consumo de alimento são praticamente indissociáveis. Sucedem-se no tempo como uma única operação de sociabilidade. Para melhor compreender o processo, entretanto, convem apresentá-lo em dois momentos:

1. No meu entender, há uma regra tácita que define como "público" o produto exposto à comunidade, isto é, o produto que não está fechado em cestas ou pacotes. As coisas abertas, à vista, seriam assim livres. Du

rante as excursões de caça, pesca, coleta, ou passeios pe-
 los arredores da roça, deixa-se de comer apenas quando o
 alimento acaba ou quando acaba o desejo. Desse modo, e
 com exceção da castanha e do mel, os alimentos trazidos
 para a aldeia são o que sobrou do repasto. Isso quer di-
 zer que, via de regra, ninguém sai de casa para ir buscar
 comida na floresta, por exemplo. Vai-se em direção às
 fontes de alimento com o propósito de comer. A carga tra-
 zida no retorno é o sobejo. Parte dela pode, evidentemen-
 te, voltar escondida por qualquer motivo, mas o que é ex-
 posto está liberado para a distribuição, seja ela espontâ-
 nea ou provocada. As duas modalidades são corretas: pe-
 de-se o alimento ou recebe-se espontâneamente uma porção.

2. A caça grande ou o produto de grandes
 pescarias são distribuídos no retorno à aldeia. O dono
 retém uma boa porção para o consumo dos membros de sua ca-
 sa e reparte o resto. Daí para frente, aplica-se a regra
 anterior.

Fica claro que, em larga medida, a abundân-
 cia é que favorece o exercício dessas práticas. Não creio
 que a escassez continuada pudesse abrir lugar para elas.

Durante todo o ano, os Cinta Larga podem
 obter alimento em quantidade suficiente sem ter que dis-
 pender grande esforço na atividade produtiva propriamente
 dita. A prodigalidade da natureza permite que a face ma-
 terial da comunidade se expresse através de uma distribui-
 ção despreendida e que constitui um dos fundamentos da re-
 produção do grupo local.

A sociabilidade comunal

Após o nascimento, a criança continua estreitamente ligada à mãe, quase sempre numa rede baixa, próxima do chão e da fogueira que dia e noite fornece calor. À medida que cresce, começa a conhecer o exterior. Colada ao corpo materno é acomodada numa tipoia de algodão, circula pelos arredores da casa, do rio, para depois começar a assistir aos trabalhos da roça e da coleta. Até dois ou três anos é a companheira inseparável da mãe, dificilmente vista com outra pessoa. Mesmo quando já caminha com firmeza, recorre com frequência à cômoda situação de ser carregada.

É marcante o contraste entre essa primeira fase da infância e o período que se segue, quando se junta a pequenos bandos de meninos e meninas nas brincadeiras e passeios pelos arredores da aldeia. São bandos incansáveis. Os meninos sempre carregando um pequeno arco e flechas alvejam frutas, animais domésticos, peixes, num constante exercício de pontaria. As meninas localizam fruteiras, sobem e descem das árvores atentas ao amadurecimento das frutas. Os menores do grupo divertem-se com as proezas dos demais e se distraem com filhotes de rato, de colibri, que ganham durante os passeios. A localização de algum ninho é saudada com alegria e os pequenos animais são acariciados durante horas até que morrem por falta de alimento ou excesso de carinho. São então abandonados.

Nessas andanças, a criança aprende a observar e deslindar segredos da natureza. Sua emancipação da tutela dos pais é notável, dando a impressão de ser capaz de sobreviver por conta própria. Vence a correnteza do rio a nado para se juntar aos companheiros na outra margem, caminha distâncias consideráveis para pegar frutas e é capaz de permanecer atenta horas a fio pescando na beira do rio.

Nessa fase, é interessante seu relacionamento com os pais. Muitas vezes me aconteceu ver a mãe impaciente com alguma traquinagem dar uma palmada no filho que, sem pestanejar, revidava a agressão com raiva. Um sorriso indulgente da mãe, ou mesmo a arrelia dos adultos presentes, encerrava o incidente. O inverso também ocorria: mordidas das crianças eram respondidas com alguma tapa ou outra mordida.

No correr do tempo, percebe-se que a agressão não permanece como ato unilateral. A criança logo aprende a reagir a todo ataque à sua pessoa. Defende sua integridade frente à agressão de outros, do mesmo modo que mais tarde enfrenta os perigos da mata. O desafio que se lhe coloca é saber se defender para se aguentar por si só.

O resultado é a formação de uma postura desenvolvida e algo turbulenta, que mantém ativa a disposição de reagir a qualquer fato de seu desagrado. É no jovem, por volta dos 16 anos, que essa postura melhor se expressa. Destemido, agressivo, às vezes, grosseiro e ríspido,

o jovem Cinta Larga parece não aceitar limitação, imposição ou ordens de ninguém. Sabe pedir o que quer diretamente, sem rodeios e em nenhum momento é bajulador ou servil. Agride mas aceita o revide e se molestado reage prontamente. Com nuances que variam com a idade ou o sexo, é possível dizer que é este o perfil do Cinta Larga.

Como as pessoas se bastam a si próprias, torna-se desnecessária a gentileza enquanto ingrediente natural das relações sociais. A ajuda, por exemplo, é pedida, raramente oferecida. Essa auto-suficiência, estimulada desde cedo na educação, representa para o observador externo alguma coisa próxima da rispidez de comportamento, indiferença, etc.. Mas de fato, trata-se mais de crédito à capacidade do outro de resolver sozinho as próprias dificuldades.

Nesse contexto, as relações entre homem e mulher, adulto e criança, são despojadas de suavidade. O marido dá ordens à mulher, os pais às crianças, embora sem esperar uma obediência natural. O que, por certo, não impede que o conflito de interesses venha a gerar briga e agressões. Um fato chama a atenção: apesar da aspereza relativa dessas relações, não foi possível registrar qualquer caso de criança castigada com severidade. Pelo contrário, há indicação de que a criança é socializada sem que se iniba sua agressividade. Muitas das repreensões que lhe são feitas pelos mais velhos parecem mesmo destinadas a estimular e provocar respostas iradas, e não a passividade.

Com relação às mulheres, a situação é outra e parece não ser rara a violência em alguns atritos conjugais. Sabo-se de mulheres que se recolheram à rede por dias, quebradas, machucadas, vítimas do marido enraivecido. É geralmente a presença de visitantes que faz surgir em Serra Morena um clima de suspeita; suspeita de envolvimento amoroso das mulheres locais com os homens visitantes. O marido reage à suspeição ou à possível ofensa, impondo sua autoridade pela força: espanca a mulher. No contexto interno do grupo, entretanto, há indícios de que seja razoavelmente grande a liberdade sexual tanto do homem como da mulher. Não há como opinar sobre a intensidade da ocorrência das relações paralelas ao casamento, mesmo porque são conduzidas de modo discreto. Mas pelo teor das insinuações e confidências, é de se supor que seja uma prática generalizada e até mesmo aceita, talvez por compensar o esgotamento do interesse sexual entre os cônjuges.

Esse acordo tácito, entretanto, não se estende para além dos limites do grupo local. A reação violenta do homem confirma a suposição. Qualquer que seja a explicação, fica claro que a distância que separa homens e mulheres é maior do que a distância entre as idades.

A supremacia masculina permeia a relação entre pai e filha, marido e mulher e irmão e irmã. Mesmo antes da puberdade, o pai dá a filha em casamento. Ele mesmo pode passar para um dos filhos uma de suas esposas. Uma moça deve aceitar o novo parceiro, escolhido por seu irmão e pelo marido que dela desiste em favor de outras alianças.

No decorrer de sua vida, a mulher passa do domínio de um homem para o de outro. Ela pode abandonar o marido ou mesmo envenená-lo, mas nem por isso se liberta da dominação masculina. Enquanto viver, terá acima de si o pai, o irmão, o marido e, quando velha, o filho - de quem receberá caça e peixe.

Há, entretanto, uma face suave nas relações vividas na comunidade. É no cuidado das pessoas entre si, em pequenos detalhes, que os Cinta Larga se permitem ser delicados. A limitação de espaço não permite o desenvolvimento desses aspectos neste texto. Mas pode-se dizer que momentos de agitação e serenidade se distribuem de modo desigual num mesmo dia. Períodos de calma são abruptamente cortados pela excitação que pode ser alimentada por longo tempo. Mas há sempre o retorno à suavidade da música, do contato dos corpos, do gozo ao belo.

Guerra e aliança

Grupos caçadores têm geralmente taxas altas de mortalidade não apenas infantil como de adultos, e desenvolvem mecanismos de reposição populacional. A guerra tem sido indicada como um dos recursos mais antigos para, contraditoriamente, permitir o equilíbrio demográfico. São incursões armadas com a finalidade de vingar ataques sofridos e capturar mulheres.

Se os Cinta Larga alguma vez fizeram uso desse recurso, certamente não o fazem mais. Relatos passados mencionam agressões mútuas, atos de vingança envol-

vendo ou não mortes, mas restritos a ação familiar ou mesmo individual. Ataque com participação mais ampla dos homens parece ter ocorrido apenas em represália a investidas de seringueiros e garimpeiros, na década de 60.

Mas a inexistência atual de envolvimento globais, ou mesmo o pequeno número de ataques menores esporádicos, não impede que muito se fabule a seu respeito. A "guerra" é sempre a primeira alternativa lembrada para resolver disputas e oposição de interesses entre grupos vizinhos, o modo seguro de liquidar conflitos.

Em contrapartida, é constante a suspeita de investida de surpresa, como se o inimigo rondasse a área à espera do descuido e distração da defesa de Serra Morena. Não que o grupo se mantenha em sobressalto permanente, mas o assunto toma conta das conversas, incorpora-se ao cotidiano, estimulando a exacerbação dos ânimos, pelo menos em sua expressão verbal.

Mas quem seriam os "inimigos"? Sem sombra de dúvida, são sub-grupos Cinta Larga os que podem contrariar profundamente os interesses dos moradores de Serra Morena: a troca harmoniosa de mulheres. O seringueiro é um acidente histórico. Os Ubiei, ou "indio preto", como são desdenhosamente apelidados, são os verdadeiros "inimigos".

Não foi possível situar o início das hostilidades nem saber se em outras épocas os Kakí ou os Mã chegaram a ocupar posição semelhante. Hoje, os adversários são Ubiei.

Não está suficientemente clara a distinção entre Mã e Ubiei. Sabe-se apenas que os Ubiei residem perto de igarapês pequenos e são apelidados de "índio preto". A rigor, a distinção relativa à cor é tênue, mas realçada pela discriminação alimentada pelos Kabã e Kakĩ. As diversas designações são traduzidas por pretos (Ubiei), branco (kakĩ), castanha (Mã) e uma fruta silvestre (Kabã).

Filiação ou aliança conjugadas à fixação de residência integram as pessoas na comunidade. A filiação se processa pela linha masculina e as alianças se realizam usualmente no âmbito do grupo maior formado pelos diversos sub-grupos Cinta Larga. A residência é virilocal mas comporta outros arranjos.

As visitas, mais do que a violência, propiciam a troca de mulheres. As mulheres são dadas em casamento pelo pai, pelo irmão ou pelo marido. Mesmo antes da puberdade, por volta dos 8 ou 10 anos, a mulher é dada pelo pai ao pretendente, que com bastante frequência é seu tio materno.

A distribuição de mulheres pode ser entendida como um exercício político que garante a reprodução da comunidade. Selar alianças significa abrir canais para a renovação populacional de modo pacífico e baseado na reciprocidade. É uma das principais prerrogativas masculinas.

Entretanto, a submissão feminina nem sempre é assegurada. Observa-se que a aliança não perdura e

mesmo não se completa sem um mínimo de anuência da mulher. Como decorrência, casamentos são desfeitos, alianças perturbadas, a despeito da vontade do homem. A insubordinação feminina, somada aos eventuais obstáculos interpostos pela demografia, perturba e dificulta os arranjos políticos negociados pelos homens.

Interessante é notar que não se faz uso da força para sustentar a autoridade questionada. Critica-se a rebeldia, mas não se estimula o emprego de medidas radicais para dobrar a vontade feminina.

Se a aliança é uma das condições de existência da comunidade, por que razão a autoridade masculina é desafiada justamente no contexto dessa relação?

Fruto de um processo de socialização que encoraja o destemor, a rebeldia feminina se manifesta em outras ocasiões, provocando desdobramentos sociais mais graves. No contato com membros de outras comunidades Cinta Larga, a mulher eventualmente se envolve afetivamente com um homem e pode mesmo vir a abandonar a companhia do pai, do irmão ou do marido. Foge com o novo companheiro, frustra o planejamento masculino ao selar sua própria aliança. Aliança unilateral, condenável, denominada "roubo de mulher", como se de fato ela fosse vítima sequestrada.

Nessas ocasiões, seus donos se revoltam, não contra ela, mas contra o homem que é visto como o elemento ativo do processo. Roubar mulher é falta grave, só reparada com a guerra. É inadmissível que o próprio homem

viole as regras da circulação regular. Os ânimos se alteram e planos para punir o crime, vingar a infração tomam conta do cotidiano do grupo ofendido. Por certo, no grupo ofensor instaura-se a expectativa do ataque que mobiliza a defesa. De lado a lado, estimulam-se os valores guerreiros. Tornam-se nítidos os limites da comunidade local, em cujo centro se agiganta o homem, seu defensor e defensor das mulheres. Não importa se o processo culmina com morte ou é esvaziado com uma aliança reparadora: o ânimo guerreiro foi ativado, a encenação do poder e da força enriqueceu a figura do homem, reafirmando seu papel. Seria correto afirmar que a ideologia guerreira é alimentada pelo próprio ato de negação do domínio masculino, pela rebeldia da mulher, através de um curioso jogo de poder.

Observando-se a vida comunitária, vê-se que os interesses de homens e mulheres se articulam entre si no dia a dia das atividades ligadas à sobrevivência. Num composição bastante harmônica, os interesses se compõem e permitem a produção material da comunidade, quer nas tarefas recortadas pela divisão sexual do trabalho, quer naquelas em que os esforços se alternam sem prévia determinação dos papéis.

A dominação masculina é apenas contestada no momento em que os interesses políticos do homem abafam ou ignoram interesses específicos da mulher. Na delicada trama da circulação de mulheres, os homens conduzem as negociações entre ajustes e concessões, mas sempre sem contrariar frontalmente seus interesses quer de caráter político quer de caráter sexual. Não haveria outra forma de

compreender a troca pacífica sem esses ajustes. Nesse sentido, o processo poderia ser sucintamente descrito como sendo a permuta de mulheres realizada por grupos de homens que, de lado a lado, negociam suas preferências num quadro de possibilidades limitadas.

Essa é uma das situações em que se instaura de maneira forte a idéia de posse. O homem é dono da mulher e em nome dessa posse coibe a manifestação da sexualidade feminina, com uma intensidade que varia na proporção do obstáculo que ela cria ao livre exercício do poder masculino.

Não merecem muita atenção as relações sexuais extra-conjugais dentro da comunidade local. Os próprios homens compartilham dos mesmos jogos amorosos que atenuam a monotonia conjugal. Com menor benevolência, tolera-se a recusa feminina em aceitar arranjos matrimoniais determinados. Mas a contradição entre homem e mulher, até então encoberta, se explicita quando a insubordinação feminina escapa ao controle do homem. É a insubordinação, determinada pela subjetividade (ou naturalidade), que se contrapõe à racionalidade masculina produtora e guardiã das trocas matrimoniais. Torna-se legítimo o uso da violência para interromper o prosseguimento do processo e desestimular sua recorrência. Caso o poder de dominação seja ineficaz para conter a rebeldia feminina, invertem-se as posições: o outro polo da contradição passa a ser ocupado pelo adversário masculino. A mulher é retirada do cenário, lugar de confronto dos homens, daqueles que em outras circunstâncias sabem dialogar através das regras.

A responsabilidade pelo desequilíbrio das relações intergrupais não pode, assim, ser atribuída à parte dominada e frágil da comunidade. A luta que daí para a frente se desenvolve é pensada e vivida como fruto da oposição de interesses legítimos de grupos comandados pelo homem. Como a rebeldia não visa aniquilar o poder masculino, mas o reconhecimento de interesses específicos da mulher, repete-se o ciclo de dominação. Com o novo companheiro, a mulher abandona a contestação, aceita passivamente a autoridade maior, colocando-se sob a proteção do homem guerreiro, imagem que ela ajuda a preservar.

A oposição de interesses entre homem e mulher é, dessa forma, resolvida num confronto entre homens, tornando mais nítido o contorno da comunidade local e a dominação masculina.

A prática indigenista

O Posto de Atração Serra Morena fica à margem direita do rio Aripuanã, na altura do paralelo 11º. Uma pista de pouso se estende da beira do rio em direção à floresta por cerca de 500 metros. O local é isolado, praticamente acessível só por avião. O curso do Aripuanã é pontilhado de corredeiras e quedas d'água, tornando difícil a navegação, em especial durante a seca. A rodovia BR-172 (AR-1) que liga Vilhena a Aripuanã pode ser alcançada através de uma estrada interna do projeto de colonização Juina, que está a poucos quilômetros do rio Aripuanã. Mas durante a estação chuvosa, o tráfego rodoviário se interrompe seguidamente, por força dos inúmeros atolei

ros. Com isso, apenas o transporte aéreo é viável durante o ano todo, desde que haja condições atmosféricas favoráveis.

O abastecimento por via aérea é oneroso e não muito regular. Como decorrência, os funcionários experimentam períodos de relativa escassez de mantimentos em várias ocasiões. Pois embora a roça forneça alimentos básicos para a dieta (arroz e feijão), a caça e o peixe só podem ser obtidos quando da distribuição de munição e anzóis aos índios. A expectativa é a de que nessas ocasiões parte do produto das caçadas e pescarias seja encaminhada à cozinha do Posto.

O número de funcionários varia de ano para ano, e não passa de dois ou três, às vezes cinco. São eles o chefe do Posto, trabalhadores braçais e suas famílias. As tarefas abrangem assuntos administrativos e os trabalhos de conservação da pista, da roça, das instalações. Dependendo da experiência e formação do chefe do Posto, o grosso do trabalho pode se concentrar mais numa dessas atividades. O maior contraste ocorre entre aqueles que têm familiaridade com a vida no mato e os mais identificados com a vida urbana. Enquanto uns dispensam a atenção especial ao cultivo, inclusive de plantações permanentes, outros têm visível interesse pela introdução de recursos tecnológicos mais refinados.

A cada mudança de chefia, altera-se o caminho a ser percorrido mas, de modo geral, todos procuram organizar um estilo de vida que se aproxime do conforto

material que eventualmente teriam fora da área indígena com a remuneração que recebem. Isso cria mais problemas para o chefe, que recebe cerca de dez salários mínimos, do que para os braçais cujas aspirações não podem ultrapassar o poder de compra de um salário mínimo. Uns e outros procuram, sempre que possível, integrar nos quadros da Funai membros da família, em geral a esposa, visando a ampliação dos rendimentos. Suas aspirações se dividem entre ter maior comodidade em Serra Morena e acumular dinheiro para as férias. As frustrações são inevitáveis.

A principal forma de comunicação com o exterior é o rádio transmissor receptor. Fala-se com a sede administrativa em Riozinho duas vezes por dia. As frequentes interrupções (pane no equipamento) acentuam o isolamento e a insegurança que crescem a cada período de irregularidade nos vãos de abastecimento. A sensação geral é de abandono. Em diversos períodos, o único contato que têm com o mundo de fora é através de programas e noticiários de rádio, o que estimula a imaginação e também a consciência da distância que os separa dos sonhos que alimentam.

Outros fatores favorecem o surgimento de insatisfação. É o caso da dificuldade que enfrentam para proteger sua privacidade, frente à inesgotável curiosidade dos índios, e o reduzido espaço em que acabam por limitar sua vida social e cultural. À medida que os funcionários procuram organizar sua sobrevivência de modo a assegurar alguma comodidade material, defrontam-se com as consequências do estreitamento de contato com os índios. Ou

permitem que estes participem desses benefícios, mesmo em detrimento do seu bem-estar, ou desequilibram as relações mútuas. A camaradagem se esvazia, chegam os desentendimentos e Serra Morena passa a ser campo de intenções divergentes.

É sabido que o interesse pela chamada pacificação de grupos indígenas é maior por parte de empresários do que pela própria Funai. A presença indígena torna-se intolerável nas áreas abertas à exploração capitalista, não só pela insegurança que semeia nos acampamentos pioneiros, como pelo investimento adicional de recursos que acarreta para a defesa da penetração em territórios indígenas. Por isso mesmo, parte dos custos é transferida ao Estado que cuida de organizar expedições de atração.

Um recurso comumente usado nas tarefas de contato é a farta utilização de artigos industrializados para atrair os grupos arredios. Machados, facões, tesouras, etc., são colocados em lugares estratégicos para serem facilmente encontrados pelos índios. Em geral, após um período variável de demonstrações agressivas ou indiferença, os índios se aproximam para o contato pacífico.

Enquanto essa primeira etapa é realizada por sertanistas experientes, os períodos subsequentes ficam a cargo dos chefes de Posto. O objetivo mais geral que se impõe é, então, fazer a passagem da generosidade dos primeiros encontros para relações de troca mais equilibradas do ponto de vista comercial.

Em Serra Morena, em especial em 1979, com

os mantimentos do Posto chegava também um sortimento de brindes. Para os primeiros contatos com índios, que chegavam ao Posto, Cinta Larga dispersos pela floresta, era ofertado um brinde que significava, como nas atrações, boas vindas, sinal de amizade e paz.

Quem recebe um presente gosta e naturalmente volta a pedir outros mais. A tarefa do chefe do Posto era introduzir, pouco a pouco, a relação de troca, estimulando os índios a trazer artesanato para então obterem, não mais brindes, mas "mercadorias". A distinção vigora até hoje: os primeiros destinados a atrair, os outros para o exercício da troca.

Uma variação do mesmo exercício indigenista vigorava em 1979 através de outro mecanismo: a "roça coletiva". Tratava-se de envolver os índios nos trabalhos agrícolas, recompensando a comunidade com a distribuição de duas refeições diárias. O empreendimento tinha como finalidade facilitar as tarefas relativas à sobrevivência dos funcionários e introduzir os índios na dieta alimentar "civilizada" e, como consequência, prevista ou não, discipliná-los num novo ritmo de trabalho e produção, sob direção centralizada e externa à comunidade. Não creio que fizesse parte dos objetivos intencionais o desdobramento previsível da continuidade dessa prática: a obediência à autoridade do Estado. Mas de qualquer forma, procurava-se em várias ocasiões estimular o temor à autoridade. O programa foi interrompido em 1980, mas deixou marcas. Vários equívocos foram cometidos. O mais óbvio foi a identificação linear da noção de comunida

de à de coletivo. Acreditava-se seriamente que a roça por ser trabalhada coletivamente tinha qualidade comunitária. Os efeitos vieram em cadeia e, na impossibilidade de registrar-los aqui, vejamos alguns de seus aspectos. Ao ver-se atado à rotina do Posto, cresciam as insatisfações do Cinta Larga. Assim, qualquer período de escassez, motivado pela irregularidade do abastecimento do Posto, constituía-se no estímulo de que necessitavam para reagir agressivamente. A presença iminente de conflito forçava a redefinição da política do Posto que geralmente implicava em recuo. Retomava-se a antiga postura distributivista, iniciando-se novo ciclo. Instaurava-se um movimento pendular, onde se intercalavam períodos de serenidade com os de apreensão. No mais das vezes, a ameaça de ataque acabava por ser contornada, mas não era possível impedir a saída dos mais descontentes para os vilarejos vizinhos, forma de desafiar a autoridade do chefe do Posto e demonstrar insatisfação.

Tanto naquela época como agora, uma das tarefas do chefe do Posto é impedir ou desestimular as frequentes visitas dos índios às cidades da cercania, em parte, por zelo à saúde, mas também por ser mais fácil o controle tutelar sobre uma população sedentária.

Em 1981, os Cinta Larga iniciaram a extração da borracha, com o objetivo de obter recursos para atender às novas necessidades de consumo. Em termos quantitativos os resultados são pequenos, mas é grande o entusiasmo que alimentam diante da possibilidade de obter dinheiro. Mas a dificuldade de transporte impõe um limite

severo aos seus projetos. Algumas vezes, impaciente com a situação, o Cinta Larga procura resolver por conta própria a venda do que produziu, seguindo de canoa em direção a Juina. Nem sempre concretiza o negócio: a pequena familiaridade com o comércio e o quase desconhecimento da língua portuguesa tornam-se obstáculos difíceis de superar, principalmente devido ao temor de ser enganado. Com isso, muitos desejam conhecer os mistérios da escrita e da aritmética, para poderem exercitar a auto-suficiência que tanto valorizam.

Índios e funcionários aguardam a chegada da estrada. Para uns estaria solucionado o problema de comercialização da borracha, para outros o abastecimento do Posto tenderia a ser mais regular. E as estradas estão chegando: o Programa de Polos Agropecuários e Agro-minerais, mais conhecido como Poloamazônia, elegeu para as suas realizações a área de Aripuanã, entre outras. Segundo informações oficiais a área dispõe de condições invejáveis: probabilidade de importantes jazidas minerais, manchas de terra de alta fertilidade para a agricultura, florestas dotadas de essências de valor comercial e potencial energético significativo.

O Polo Aripuanã previu a construção da rodovia AR-1, ligando Aripuanã a Vilhena, para conexão com a BR-364, com o objetivo de dar apoio às atividades empresariais da área, além do projeto de assentamento de colonos, denominado Projeto Juina. Com área total de 411 mil hectares, este projeto assentou, na primeira fase, uma população de 2.828 habitantes. Estimava-se o assentamento

de 2.200 famílias até o final de 1981. Em 1979, haviam sido efetuados 250 km de estradas rurais, estando em fase de abertura mais 140 km.

Em dezembro de 1981, a imprensa noticiou amplamente a decisão do governo federal de destinar, em 1982, 25 bilhões de cruzeiros para a construção de 3.000 km de estradas vicinais (Agrovias), além da disposição de empregar verbas maciças para dinamizar as atividades de garimpagem e mineração. Estas decisões visam o "reaquecimento" da economia em 1982 e foram tomadas para enfrentar o desemprego, ampliando a fronteira agrícola, extrativa e mineradora, estimulando o deslocamento de levas de trabalhadores, agricultores sem terra e investimentos de empresas interessadas na ocupação dos "espaços vazios" amazônicos.

Não seria especulação afirmar o que essas medidas vão significar para os Cinta Larga: invasões de suas terras, intensificação dos contatos, da contaminação por doenças e o cerco irreversível ao Sul e Leste de suas fronteiras pela ampliação da rede de estradas vicinais ao longo da rodovia AR-1.

X-X-X-X-X-X-X-X-X-X